

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA (1)

Ten-Cel JOÃO PERBOYRE DE VASCONCELLOS
FERREIRA — Oficial de EM

GENERALIDADES

Apesar da sua vestimenta militar — Guerra Revolucionária — o tema deste trabalho não é essencialmente guerreiro.

Trata-se de uma técnica agressiva do chamado mundo comunista para obtenção do seu objetivo-chave: o domínio do mundo.

Para nós das democracias é um dever substancial conhecermos essa técnica, como é direito legítimo e natural qualquer defesa que se levante contra as investidas desta guerra, cuja vitória significará uma inversão de todos os valores que aprendemos a admirar e a desejar ou, se quiserem, significará uma aculturação violenta em cujo bôjo serão exercitados comportamentos sociais que condenamos, implicando na mais nefasta das renúncias: a renúncia de podermos crer que a vida tem um sentido alto, vertical e contínuo rumo a Deus por uma compreensão utilitária, materialista e horizontal rumo ao nada.

A justiça social que é a tese central do temário comunista tem suas limitações na própria limitação da convivência humana. É um problema de evolução, não um problema de regime.

As forças da história clamam a todos por uma nova etapa de consolidação das relações humanas que vai consagrar a justiça social e a liberdade. Até lá vai ser difícil diferenciar as lágrimas dos que choram com fome, das lágrimas dos algemados.

Em todo caso, se como diz Siroski, estamos na aurora de uma nova cultura ideológica, o novo alvorecer não é uma criação da argúcia vermelha.

É antes um imperativo histórico. Seja este imperativo uma advertência à nossa capacidade de entender e de fazer, e um desafio às nossas lideranças para que se atualizem sem se desagregarem na demagogia.

Não há, de nossa parte, nenhum ressaibo para com os que pensam diferente de nós e mesmo isso não se coadunaria com a nossa crença sólida na excelência dos princípios que defendemos. Somos obrigados, portanto, a manter uma atitude compreensiva, particularmente para com os homens sinceros do campo contrário, os quais em última análise perseguem o mesmo objetivo que perseguimos: o bem-estar social. Temos além disso a convicção moral de que a democracia pode agir sem apoio no fanatismo e correr riscos sem garantia de êxito.

(1) Ver, do mesmo autor, "Guerra Insurrecional" — A DEFESA NACIONAL — Jul/Agô 1962.

Sabendo, por filosofia íntima, que o entendimento não é um processo intelectual e sim de sintonia, apelamos das consciências em sintonia conosco, o apoio indispensável para que as nossas palavras não sejam um grito isolado de um indivíduo, mas a tradução de um impulso coletivo e criador das consciências democráticas.

CONCEITO DE GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Era impressão de todo o mundo que a arrojada evolução técnica do século, haveria de trazer necessariamente uma era nova para a guerra, onde os generais seriam os executores dos cientistas e onde o automatismo quase que chegaria a produzir uma guerra dirigida de uma cabina, pressionando botões.

No entanto, êsse amontoado de arsenal guerreiro, superpotente para destruir toda a humanidade, produziu, ao contrário, a açudagem de todos os ímpetos agressivos humanos, através dos processos de intimidação e contenção, e tivemos paradoxalmente de assistir contra a abundância de tantos engenhos de destruição, a volta a velhas formas de luta, cujas características são a simplicidade dos meios e a alta prioridade do fator humano.

Tivemos que reverenciar a *reentrée* na guerra subversiva ou irregular, a qual como o seu próprio nome denuncia, adota processos distantes das linhas clássicas da guerra.

Mas, não surgiu como cópia servil do passado. Revestiu-se de características próprias e técnicas engenhosas, tomando o nome de guerra revolucionária.

Ela tem sido chamada de guerra irregular ou subversiva, guerra insurreccional, guerra dos partisans, "petit guerre" ou guerra de superfície.

Mas, não vamos nos preocupar com os motivos dessa diversificação de nomes, para nos atermos ao seu conteúdo estratégico-ideológico-político que a caracteriza plenamente, uma vez que a parte guerreira propriamente dita — a guerrilha — é um velho processo de ação do mais fraco contra o mais forte, o qual não cabe, no propósito dêste trabalho, apresentar e discutir.

Apenas para se ter uma impressão da alta incidência do processo, através da História, vamos citar, de passagem, as suas ocorrências principais.

É para nos deixar perplexos como foi possível uma forma tão desgastada de processo guerreiro revestir-se de características tão novas e tão marcantes, ao ponto de se ter transformado na preocupação constante dos líderes políticos e militares de todo o mundo.

A parte guerreira, como disse, tem fundamento antigo: é Viriato lutando contra Roma; é Duguesclin à frente dos camponios franceses; é Vercingetorix face à Gergóvia; e o "gran Ferré" contra o exército invasor inglês. É a primeira Vendaia, a primeira Chouannerie. São as

ações dos partisanos do Tirol, em 1809, e dos Vosges, em 1814, e dos espanhóis, em 1809-1812 contra Napoleão; é Koutosof, em 1812; são os franco-atiradores de 1870-71; são os guerrilheiros de Ab-del Krim; são os maquis franceses do movimento de resistência; são os partisanos russos, em 1919-20, 42 e 44; é o movimento de Milkhailovich e Tito na Sérvia, de Markos, na Grécia.

Entre nós, é o movimento tenaz de brasileiros e portugueses, na Guerra Holandesa; é Antonio Conselheiro.

Todo esse arsenal de experiência, embora de interesse quase que inteiramente militar, foi refundido numa nova técnica, cujo mestre é Mao-Tsé-Tung e cuja etapa mais brilhante de emprêgo dos princípios foi a guerra de Viet Minh.

A guerrilha, como um dos processos do vasto mecanismo da guerra revolucionária, aparece agora como auxiliar modesto de uma engrenagem impressionante, cuja montagem é antes psicológica do que militar.

CONTEÚDO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

QUADRO IDEOLÓGICO — O fato ideológico da Guerra Revolucionária é a doutrina marxista-leninista. Com esta ferramenta, num solo trabalhado pelas contradições internas, particularmente econômicas e sociais e, algumas vezes políticas, a luta é lançada para a conquista física e psicológica das massas, intentando num segundo lance a tomada do poder por processos agressivos: a guerrilha.

Atrás dos bastidores do conceito, vigia o imperialismo soviético, que será o usufrutuário da vitória.

Para viver toda extensão desta exposição inicial de atualidade gritante, vamos lançar mão de afirmações auxiliares que ajudarão a entender a técnica de pensar para esta forma de conflito, porque estas afirmações servem de "background" dos princípios estratégicos e táticos ostensivos:

- A ação nada mais é do que um meio para atingir um fim qualquer.
- A população é para o revolucionário o que a água é para o peixe.
- A ideologia intermediária, particularmente o nacionalismo, é o pano de boca para as platéias adversas à idéia comunista.
- A subversão, além de ser uma técnica, é uma idéia.
- O poder político procede do cano de espingarda.

QUADRO ESTRATÉGICO E POLÍTICO — No pensamento marxista-leninista, a política está subordinada à estratégia. É um princípio condutor das operações que faz flutuar o procedimento político ao sabor dos imperativos estratégicos.

Se a dinâmica da política russa é o domínio do mundo, a sua estratégia de paz obriga a política a conduzir as guerras indiretas e de exportação configuradas plenamente na guerra revolucionária.

Essa contradição se adapta esplêndidamente ao conteúdo dialético da sua ciência de governo :

— A política é de domínio e visa à implantação da “Internacional Soviética”. A estratégia é de paz consubstanciada no “slogan” da “co-existência pacífica”.

Para compensar a ação salutar dos Congressos de Paz e de um sem número de iniciativas pacifistas, temos um Komiform ativo e agressivo em qualquer área, cujo clima social e econômico permita a aplicação da cunha da agitação, da subversão, da guerra revolucionária.

— São Elementos Componentes Desta Guerra :

— Guerra religiosa, cuja doutrina esquematizada em dogmas facilita a sua popularização e a sua intolerância e crueldade.

— Ajuda dos países da cortina.

— Amoralidade.

— Guerra psicológica.

— Guerrilha.

No final dêste quadro estratégico e político, vejamos como Suzane Labin apresenta um pouco do conteúdo estratégico — político-ideológico dessa luta de características *sui-generis* :

“As palavras são os projéteis do século XX”.

“Um jornal vale mais que dez navios-aeródromos”.

“Uma película cinematográfica ou um programa de televisão produzem mais que cem canhões”.

Dez elementos criptocomunistas podem neutralizar dez regimentos de infantaria”.

“Um Ministro de Informações é tão valioso para a defesa quanto um Ministro da Guerra”.

Seriam êsses conceitos de Suzane Labin, a tática de propaganda e infiltração, componentes da grande estratégia de guerra revolucionária.

QUADRO GEOGRÁFICO-SOCIAL PARA A GUERRA — Se a luta visa à conquista da população como degrau para a tomada do poder, é lógico que determinadas condições iniciais são exigidas para que prolifere o fermento revolucionário.

Não é numa nação estabilizada por um longo passado de liberdade como a Inglaterra, que vai haver campo para a subversão.

A propósito disso, Jan Kozak, deputado comunista tcheco, mostra-se decepcionado porque, malgrado tivesse o Partido Trabalhista Britânico subido ao poder três vezes e o Partido Democrático Sueco se mantido no

poder por 25 anos, não conseguiram conduzir suas pátrias para o "Socialismo". Não é numa nação estabilizada por um longo passado, como disse, que vai haver campo para a subversão.

As próprias contradições internas que existem em qualquer organismo social, como fenômeno de desequilíbrio do metabolismo nacional, são orientadas nessas nações como a doença: é o remédio das leis, a dieta do racionamento, o repouso de investimentos improdutivos ou prorrogáveis.

Nas nações recém-saídas para a liberdade, a luta inicial pela liderança cria um clima instável, favorável às mudanças, enquanto as populações não politizadas e sem consciência da nacionalidade são facilmente envolvidas pelas campanhas messiânicas e milagrosas e pela xenofobia. O estrangeiro passa a ser responsável pelo subdesenvolvimento e por todos os males existentes, num autêntico processo de projeção psicológica.

Assim, alinharemos, como condições iniciais favoráveis :

- Contradições internas, particularmente econômicas.
- Um movimento do povo, espontâneo ou provocado, face a estas contradições, que servirá de onda transportadora da nova ideologia.
- Área geográfica favorável para o estabelecimento de uma base tipo Sierra Maestra, para suporte do núcleo revolucionário :

Serão condições subseqüentes, oriundas deste primeiro movimento :

- Descrédito dos poderes constituídos.
- Apoio da população.
- Enfraquecimento das Forças Armadas, por campanhas de desprestígio ou pela própria contaminação dos seus membros, psicologicamente vivendo no grande organismo — o povo.

QUADRO DA GUERRA PSICOLÓGICA

Se o apoio da população é o ponto forte para a guerra revolucionária, é lógico que é necessário conquistar este apoio da população.

Para a conquista deste apoio é desenvolvida uma tática *sui-generis*, denominada guerra psicológica. Não temos a pretensão de no curso deste trabalho com objetivo certo — guerra revolucionária — nos estendermos pelos meandros infundáveis dessa complexa técnica. Vamos apenas pontilhar os seus aspectos mais importantes, para sentirmos os seus processos de envolvimento e domínio.

De um modo geral, as linhas-mestras são :

- Mistificação;
- projeção psicológica;
- métodos da escala reflexológica de Pavlov.

A mistificação é orientada pelo processo das meias-verdades ou das mentiras sistemáticas, sem preocupação de apresentar argumentos para garantir-lhes a validade. Criam-se dogmas pela repetição incessante e segundo a escola reflexológica, as palavras deixam de ser veículos de idéias para serem estímulos que provocam na mente a apresentação de uma determinada crença, de um determinado sentimento. É o processo da lavagem cerebral.

Ainda neste capítulo de orientação das mentes através das mentiras há o método do abuso da semântica.

Os especialistas em semântica geral, como Alfredo Korzybski, por exemplo, constataram que grande número de distúrbios mentais decorre da propensão das pessoas para usarem sistemas dualistas de pensamento do tipo, ou é isto ou é aquilo: se ademais os dois pólos de valores referem-se a termos vagos é muito fácil produzir frustrações. Haja vista por exemplo o termo justiça social. No bôjo dêste termo de vasto conteúdo ensaiam os soviéticos uma "crítica social" das imperfeições do sistema da livre iniciativa. Se há fome, desajustamento no mundo livre, êles afirmam dentro do sistema dualista: então não há justiça social. Ora, o termo justiça social é muito vasto e não se refere unicamente a operários. É antes um instrumento de dignificação da pessoa humana em seus diversos estágios de evolução, abrangendo chefes, técnicos e obreiros. Por ela cada um recebe além de um tratamento de respeito e de prestígio pela tarefa que desenvolve no organismo social, tôdas dignas e necessárias, uma paga coerente com a dificuldade ou excelência da tarefa. Ela é uma meta a atingir para todos os povos; porém ainda está em curso, dado o alto grau de evolução social que encerra. Omitem, por outro lado, as imperfeições da justiça social soviética, onde há também fome, desajustamento. Isso sem falar em coação individual, lógica dentro do sistema dêles onde a liberdade é definida com um conceito pertinente à sociedade e não ao indivíduo.

Um exemplo :

Vamos adiantar um exemplo de justiça social soviética. Antes de tudo convém ressaltar que a visão unilateral da vida pelos soviéticos dá alta ou única prioridade ao "homo economicus". A questão de salário, pelo menos, deveria refletir a tendência socializante de sua doutrina. Mas não é bem assim. Segundo dados do Serviço Nacional de Informações e Contra-Informações, é o seguinte o nível dos salários russos:

Trabalhador — 800 rublos anuais — Este nível compreende o nosso salário-mínimo, digamos.

Graduados — Especialistas e Técnicos — Entre 1 a 10 salários-mínimos.

Oficiais Subalternos — Capatazes de fábricas — Diretores do Roskol (Colônias agrícolas coletivas), engenheiros e professores de Colégios entre 10 a 25 salários-mínimos.

Oficiais Superiores e Capitães — Diretores de Fábricas — Professores de Unidade — entre 25 a 250 salários-mínimos.

Generais — Cientistas — Escritores — entre 250 a 500 salários-mínimos.

Marechais — Cientistas de renome — Conselho de Ministros, de 500 a 600 salários-mínimos.

Não é preciso encarecer que esta escada íngreme de salários nunca correspondeu a socialismo nenhum e nem reflete sequer tendência socialista.

Nós, em que o nível salarial vai apenas até 17 vezes, é que estamos no caminho do verdadeiro socialismo democrata, em que pèse o descaso nos setores de educação e saúde que nos desclassifica como sociedade organizada.

A política de salário diferencial inaugurada por Kruschew é outro acinte à idéia socialista. Nesse salário o pagamento é feito por qualidade de trabalho e não por categoria de profissão. A introdução de um fator subjetivo no julgamento como a "qualidade" estabelece sob o ponto de vista legal uma tirania ou, se quiser abrandar a assertiva, uma injustiça porque é um fator dificilmente mensurável. A produção seria outra coisa. É palpável.

Como mentira sistemática temos por exemplo o slogan: *Libertar os Povos Oprimidos*. Ora todos os que estudam sabem que a liberdade é um padrão das democracias e seu maior objetivo, enquanto a justiça social é o escopo principal do mundo comunista.

Falar em liberdade através do comunismo é um paradoxo, porque a liberdade é negada *ab-initio* dentro de seu programa de bem-estar e progresso social.

A liberdade é entendida em bases coletivas, vivendo o indivíduo escravo dentro de uma sociedade livre. É lugar comum a negação da pessoa humana.

A afirmação "Libertar os povos oprimidos" não tem o objetivo de persuadir, mas unicamente criar um estímulo de simpatia a favor dos soviéticos. Realmente o sistema ideal é o que conjugue liberdade com justiça social. Alguns Estados democráticos devem em muito ao comunismo o atual progresso de sua justiça social, é forçoso confessar. A pressão do medo, talvez os tenha obrigado a acelerar o passo nesse sentido. O Brasil segundo os nossos observadores sociais mais abalizados está nesse caso.

Portanto, quase nada se deve às proclamações de conteúdo social de vasta envergadura, formuladas por homens ilustres e entidades respeitáveis, largamente discutidas e citadas pelas elites dirigentes e estudiosos sociais. Embora a autoria de elementos credenciados, serviram apenas para adorno dos seus promotores porque as organizações que deviam dinamizá-las estavam vivendo uma onda social de profundo isolacionismo e cristalizadas em valores de critério social baixos.

Assim se valessem as suas iniciativas, ainda haveria escravidão e não existiriam todos os progressos da justiça social: previdências, férias, descanso remunerado.

A influência do comunismo, portanto, entre nós foi um fator de progresso da justiça social. Verdade é, que a onda histórica proporcionou a nós e ao comunismo êsse progresso, porque só a história, pela sua maturação determina conquistas duráveis. Mas não há dúvida que êle foi o principal intérprete da história entre nós, instrumentando o fenômeno.

Vejamos a técnica da projeção psicológica. Por ela transferimos a outrem as nossas próprias culpas. Vamos citar um exemplo de uso abusivo desta prática pelo mundo comunista:

— a campanha cerrada contra o imperialismo do mundo livre.

O imperialismo ocorre em qualquer setor de atividade e preside as interações individuais e coletivas. É um símbolo da desfraternidade, da baixa cultura aqui entendida, como comportamento social da humanidade.

As nações líderes fazem uso largo dêsse expediente contra as nações subdesenvolvidas.

É uma sistematização do "*Homo homini lupus*", de Hebbes.

Não é um fato estranho, aberratório na conduta dos homens e dos povos. As exceções a êsse fato como o plano Marshall e os diversos planos de ajuda correm por conta do interesse cada vez mais ubiquitário das nações líderes que extravasam o seu território, mundo afora, e que procuram transformar a ajuda econômica em prestígio político e dêste pedestal inaugurar uma nova posição para a força.

Não é uma prerrogativa portanto do mundo livre atitudes imperialistas. É um status humano que só a evolução social poderá esmaecer. Realmente a reação enérgica que se exercita por parte da consciência dos povos é um indício de que o progresso social, nesse setor, se avizinha.

O método de projeção associado à escola reflexológica que paralisa a mente transformando-a em órgão sensorial, vem trabalhando a favor dessa notável mentira de que a Rússia não seja a nação mais imperialista do globo.

Todos quanto compulsam a história dêsses últimos 25 anos ficarão estarrecidos com o número de agressões e ações imperialistas do mundo soviético.

Vejamos o calendário abaixo:

- 1919 — A Rússia invade a Polónia.
- 1921 — Invade e conquista a Geórgia.
- 1939 — Invade e ocupa o leste da Polónia.
- 1939 — Invade a Finlândia, obrigando-a a ceder a Carélia Oriental.

- 1940 — Anexa pela força a Lituânia, a Letônia e a Estônia.
- 1945 — Apossa-se de grande parte da Manchúria.
- Conquista as ilhas Kurilas, na única ação militar que apresentou o seu concurso na guerra contra o Japão.
- 1945/46 — Apossa-se da Alemanha Oriental.
- 1945/46 — Fracassa face ao Irã.
- 1945/48 — Fracassa face à Grécia e Turquia.
- 1946 — Força o Afeganistão a ceder Hushka.
- 1953/54 — Domina a revolta dos trabalhadores na Alemanha Oriental.
- 1956 — Domina a revolta dos trabalhadores e estudantes húngaros.
- O caso húngaro em que o povo foi esmagado diretamente pelos tanques soviéticos, tem sabor de colonialismo antigo, revivendo a luta dos espanhóis contra os incas e aztecas.

Apesar de todos esses paroxismos face aos quais a palavra imperialismo é um eufemismo, hoje, graças ao método reflexológico todo mundo sabe que imperialista mesmo é a América do Norte, sem exame na enunciação dêsse fato, reagindo como mente lavada a um estímulo imposto pela propaganda soviética. Isto é o que chamamos projeção psicológica.

O imperialismo russo é extenso: político, ideológico e econômico. Citaremos um fato transcrito do Observador Econômico de agosto de 1961: — “Em relação ao carvão polonês, o próprio camarada Nikita, em comunicado conjunto associado com Gomulka, em 1956 confessou que era adquirido pelo governo Soviético a preço abaixo do custo. É verdade que a URSS deu substancial ajuda econômica a esses países. Mas dava com uma mão e tirava com a outra”.

Outro exemplo transcrito no “Estado de São Paulo”, de 29-7-62, de mistura de projeção psicológica e mistificação, pode ser apresentado pela resposta de Ana Bêbrits do Jornal de Mulheres de Budapeste (Edição de 30-6-62), à indagação de uma missivista. A carta estranha as explosões atômicas soviéticas face ao repúdio oficial pelos soviéticos da guerra atômica e pergunta se as bombas soviéticas são de natureza diferente às do Ocidente ao ponto de não contaminarem a atmosfera. Com visível embaraço é lançado o seguinte esclarecimento: — “... Detestamos todas as experiências atômicas, tanto soviéticas quanto norte-americanas. Todas elas são perigosas para a saúde da humanidade. Mas não se pode perder de vista que as armas norte-americanas são fabricadas visando à guerra mundial, enquanto as armas atômicas soviéticas servem para afastar a guerra”. Realmente a ordem é não esclarecer os propósitos imperialistas da nação soviética. No mesmo jornal “Estado de São Paulo” há um exemplo a citar: O Embaixador Soviético Dobrinin e os agentes de publicidade da União Soviética fizeram como matéria paga, distribuição

pelos jornais americanos do discurso de 13.000 palavras de Krushev no Congresso do Desarmamento e da Paz, dêste ano. O discurso é um hino à invencibilidade da Rússia graças ao alto teor do seu adiantamento técnico e atômico. O jornal "Washington Post" comprometeu-se a publicar a peça, de graça, se merecesse igual mercê por parte do "Pravda" ou "Izvestia" para o discurso de Kennedy. Não foi aceita a barganha. Conclusão: Krushev não quer esclarecer seu povo, para deixá-lo alheio ao real progresso do Ocidente no que tange ao poderio atômico o qual no referido discurso de Kennedy é salientado, ratificando as palavras do Ministro da Defesa MacNamara sobre a superioridade dos Estados Unidos no setor nuclear.

Mas aqui e acolá surge uma contradição, embora sem publicidade, uma vez que a verdade, mesmo quando se tem interesse na sistematização da mentira, é uma reação natural da mente humana, e assim vamos assistir o pacífico Krushev em mensagem a Bertrand Russel, afirmando que deseja obter a vitória do comunismo à custa de uma guerra nuclear.

Passaremos agora em revista os métodos de escola reflexológica do Pavlov. Pavlov baseou sua teoria na experiência que fez num cão portador de uma fístula gástrica. Colocou um tubo ligado a uma ampola de vidro na qual era recolhido o suco segregado pelo estômago. Toda vez que Pavlov apresentava um pedaço de carne observava um aumento de secreção gástrica provocada pela visão, pelo olfato e pela vontade de comer carne. Passou repetidas vezes a tocar uma campainha quando apresentava a carne e em seguida, somente tocava a campainha sem apresentar a carne, observando que a sensação era idêntica a que se processava com a apresentação da carne. Pavlov denominou a êsse fenômeno, "reflexos condicionados".

A reinterpretação dessa experiência pode ser desdobrada como suplemento ao teorema do Marxismo segundo o qual uma mudança de condições sociais transformará o homem. É rejeitado o fator subjetivo ou de vontade e afirma-se que os reflexos e o comportamento do homem são governados por sinais, condições sociais, palavras e comunicações em massa.

O homem passa a ser manobrado por fatores objetivos. A pessoa é telecomandada. Os processos psicológicos podem ser manipulados, fixados ou modificados e o homem pode ser "transformado".

É verdade que dentro do mundo livre eles não têm liberdade para experimento tão extenso. É usado e abusado o método no preparo dos seus líderes e para domínio de suas populações.

Para nós, a escola reflexológica instrui a propaganda soviética monótona, insistente como quem faz soar uma campainha.

Os grandes métodos da teoria como a tortura invisível, a regulamentação do trabalho, alimentação e do lazer como um meio de atingir o corpo pela mente felizmente não conhecemos de perto.

Aqui a escola manuseia estereótipos verbais, estímulos e tentam fundamentar um sólido sentimento de culpa e de frustração ao denominar todos os seus adversários de reacionários e entreguistas.

Tôdas essas linhas-mestras da guerra psicológica orientam a propaganda soviética que como veremos, por si só, garante a primeira fase da guerra revolucionária. Enquanto a propaganda democrática se fundamenta no postulado racionalista, uma espécie de extensão da publicidade comercial, procura convencer os clientes e adeptos, a técnica comunista não procura persuadir a mente, mas, como dissemos, lança mão de fatores objetivos como estímulos que vão imobilizando a função de raciocinar da mente, automatizando-a como órgão sensorial de reações pre-determinadas.

QUADRO DAS IDEIAS ESTEREOTIPADAS OU PREFABRICADAS

A propaganda comunista para os países fora da "Cortina de Ferro" tem como objetivo inicial afastar as Nações do Mundo Livre dos Estados Unidos, no sentido de numa primeira etapa isolá-lo.

Se ficar concluída a comunização da América Latina os Estados Unidos ficarão fechados a Este pela Rússia, ao Oeste pela China, ao Norte pela rota polar e ao Sul pela América Latina.

A base sólida para o comunismo na América Latina é o Brasil cuja comunização representará a comunização de toda a América Latina. A ilha de Caribe, Cuba, não tem bases físicas nem recursos para permitir o avanço da política russa na América Latina como trampolim ou *stepping-stone* que conduza a doutrina a pé enxuto para o continente.

O partido comunista brasileiro está desempenhando, portanto, um papel extraordinário na estratégia russa permitindo o envolvimento dos Estados Unidos pelo Sul.

Esta manobra gigantesca só pode é inspirar logicamente grande número de idéias — estereótipos cujo retinir monótono e insistente obedece à técnica da escola reflexológica a que nos referimos.

Vamos passar em revista as principais idéias — cartazes :

— Abaixo o imperialismo americano. É uma projeção psicológica, como já vimos quando comentamos a este respeito.

— Queremos a paz — o objetivo principal é desarmar o espírito de luta do mundo livre. Sendo a paz um anseio universal de pessoas e coisas traduzida na procura de segurança, repouso e equilíbrio que é a paz das coisas inertes, há uma aceitação subjetiva sem crítica a esta pregação cavilosa.

Concomitantemente com a sinêta monótona dêsse cartaz insincero, aparecem as listas dos Congressos de Paz cujo objetivo é o comprometimento inconsciente de quem assina. Não se destinam a convencer ninguém. Criam um compromisso da mente com a idéia — paz — ausência de ação, nesse caso, porque se trata de uma adesão passiva ao conceito, sem nenhum princípio interior para dinamizá-lo. Passam os assinantes a defender com um personalismo conseqüente a sua assinatura, os promotores do movimento, etc.

Apóio a Cuba — A idéia é apenas aglutinar a opinião em torno das nações comunistas. Mas cala bem o apêlo à nossa consciência democrática.

Resta saber, apenas, se Cuba quer mesmo apoio ou adesão. A primeira idéia — o apoio — estaria consagrada no princípio democrático de autodeterminação dos povos, enquanto a segunda — a adesão, seria uma perfídia comunista contra o mesmo princípio de autodeterminação dos povos, concretizada por uma intromissão indevida nos assuntos internos de outra Nação, uma tentativa de alastramento da subversão, como instrumento despersonalizado da política soviética a que estaria servindo.

Dentre as idéias intermediárias, o nacionalismo é o que mais atende as platéias ecléticas.

Disse Lenine: — “O patriotismo é um dos mais profundos sentimentos enraizados no coração das pessoas através de séculos e milênios desde o momento em que suas pátrias começaram a existir de maneira autónoma”.

Poderia dizer que uma das maiores dificuldades, talvez o maior obstáculo por que passou nossa revolução foi o período de intensos conflitos com o patriotismo durante o período de paz de “Brest-Litovsk”.

Ele é a fonte de maior energia de nossa época tendo sido preocupação de Stalin ensinar como tirar partido do nacionalismo burguês para fazer progredir o movimento revolucionário. Escreveu êle: — “O leninismo reconhece a existência, no movimento da libertação nacional dos países oprimidos, de aptidões revolucionárias e julga possível utilizá-las para a destruição de inimigo comum — o imperialismo”.

Lenine admitia que a fase proletária na revolução deve ser precedida nos países coloniais de uma fase nacionalista, no decurso da qual uma colaboração com a burguesia é recomendada, a princípio, pelo menos. A luta de classe e a liquidação da burguesia ficarão para um estágio ulterior.

O nacionalismo e os problemas nacionais são focalizados com um sensacionalismo palpitante.

De permeio a cartazes sem conteúdo nacional — Apoio a Cuba, etc. — pompeiam cartazes que arregimentam realmente os anseios da Nação — problemas sociais — reformas de base. Até anticomunistas se congregam em torno dessas idéias sãs e quando por escrúpulo contra a origem dessa propaganda se recusam a aderir, aí vem a medicina pronta para produzir sobre êsses recalcitrantes sentimentos de culpa e frustração: reacionários entreguistas — retrógrados — fascistas — aposentados, etc., explorando o horror ao ridículo do nosso povo.

Isso tudo é uma apresentação reduzida da técnica de envolvimento das mentes, para conquista da população, portanto uma fase, mesmo, da guerra revolucionária.

Por falar em fases de guerra revolucionária, vamos apresentar um dos esquemas organizados por estudiosos no assunto sobre processamento desta forma de guerra. Na prática, as fases se revelam bem permeáveis segundo o clima local, se interpenetrando e confundido.

— Período de organização ou pré-revolucionário :

1ª fase — Início da organização revolucionária

2ª fase — Criação de um clima revolucionário

— Período de operações :

3ª fase — Passagem à ação

4ª fase — Rebelião

5ª fase — Operações clássicas

No capítulo seguinte faremos uma apresentação do conteúdo de cada uma dessas fases.

DESENVOLVIMENTO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

— Paralisada a mente coletiva pela aceitação passiva das idéias estereótipos, os líderes comunistas vão tratar da organização revolucionária.

Naturalmente que o plano é flexível. Não há modelos prefixados a que devem obedecer, mas de um modo geral põem em ação as chamadas técnicas destrutivas e construtivas simultâneas e que visam a destruição do antigo organismo social e construção da nova sociedade.

Vamos procurar interpretar e sintetizar o que diz o Comandante Boulnoie do Exército francês, sobre as teorias e outros desenvolvimentos das fases. Não há dúvida de que esse desenvolvimento apresenta um esquema variável com as reações do poder legal, os erros táticos dos insurretos, a influência dos acontecimentos do exterior.

Atentando que a França suportou no curto período de após guerra pelo menos quatro grandes operações subversivas (Indochina — 45 a 54), (Tunísia 1934 a 54), (Marrocos 1954 a 55), (Argélia — 1954 a 1962), o testemunho do autor francês tem a seu favor o selo de uma experiência dura para o Exército e o povo francês.

TÉCNICAS E MÉTODOS — O problema, como dissemos, é exercer um controle total sobre as massas humanas: físico e psicológico.

O objetivo é atingido quando o indivíduo, seja qual for o ramo de atividades, sexo ou idade está mobilizado a serviço da subversão.

Viet Minh foi o exemplo dessa mobilização pessoal mais perfeita.

O enquadramento do povo foi realizado pelo sistema chamado das hierarquias paralelas. O partido Comunista entrou como uma terceira força, ocupando os pontos chaves das duas hierarquias. Pouco nume-

rosos escolhidos com cuidado, treinados à espartana constituíam em cada escalão dessas hierarquias, o eterno troika marxista, uma rede nervosa e cérebro que irradiava as ordens dos Comitês Centrais; formulava a orientação para os problemas locais e fornecia informações com precisão e detalhes.

A essência do sistema das hierarquias paralelas é a seguinte:

— o indivíduo é enquadrado como indivíduo geográfico e como indivíduo social.

Como indivíduo geográfico ele pertence à hierarquia territorial da sua povoação, e a frente popular do seu município, e do seu estado, porque essas associações minúsculas são grupadas em frentes populares.

Exemplo: Associação do povo de Pirambu, da frente popular de Fortaleza.

Como indivíduo social ele é agremiado por profissão, idade, sexo, religião etc. dentro da sua povoação, cidade, estado.

Teremos então, para manter o mesmo exemplo: associação das mulheres do Pirambu, associação dos jovens trabalhadores do Pirambu, associação dos católicos de Pirambu, associação dos aposentados, etc.

Conforme as atividades dominantes no povoado ou bairro poderão ser desdobradas em associações mais específicas: Associação das operárias tecelãs, associação dos tecelões, associação dos jovens metalúrgicos, associação dos aposentados ferroviários, associação dos velhos, associação dos católicos, etc.

A criação de associações deve obedecer à diversidade de situação do povo, mas o categórico é que todos são obrigados a serem associados. Essa técnica de associação divide o lar que passa a ser um feixe divergente: a bem dizer cada membro da família pertence a uma associação diferente.

A finalidade da associação social é conseguir grupos bem homogêneos, e que facilita o trabalho e sucesso da propaganda pré-fabricada por técnicos no assunto. Cada classe ou grupo merecerá tema especial.

A autocritica, técnica comunista de domínio sobre a pessoa humana, é aqui exercida com grande êxito. Num meio menor e, homogêneo e socialmente simpático de assemelhados, há um relaxamento mais natural da censura.

A autocritica, combinada com a divergência associativa do lar, estimula a delação dos amigos, parentes e íntimos.

Quebra a confiança entre eles por que nunca sabem a que serão conduzidos os seus parentes durante o exercício da autocritica. Se confessaram de público os seus pecados contra o partido, com detalhes de situação e testemunhas, e essas testemunhas tiverem esquecido de fazer a competente delação, estarão perdidas.

O enquadramento numa e noutra hierarquia facilita a fiscalização e contrôle.

A menor falta que escape do contrôle de seu grupo profissional é mais difícil escapar do nôvo contrôle de seu grupo do povoado ou bairro:

Ademais é aterrador dar satisfação a duas associações e ser sempre coerente.

Por outro lado, essa duplicidade diminui a solidariedade da classe, despersonaliza, como é da técnica comunista, para que sirva ao partido como único senhor e amo.

É lógico que uma população não vai associar-se nesta engrenagem complicada, por entusiasmo.

Os elementos do partido impõem isso pelo terror, por ocupação militar ou por uma vitória de partido local.

Não se atinge a essa perfeição diabólica da noite para o dia. A guerra revolucionária se estende durante anos. Pode sofrer paralisação, recuos, mas sua linha geral é perfeitamente conhecida.

EVOLUÇÃO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

— A primeira fase é um período de organização e preparação do terreno. Trata-se inicialmente de envenenar “contradições internas” da sociedade a destruir. Não existe, com efeito, nenhuma comunidade onde não se possa encontrar uma “contradição” explorável em um dos campos sociais, políticos, econômicos, religiosos, etc.

Núcleos ativos e secretos são constituídos.

Uma agitação bem coordenada e uma propaganda intensa, artigos na imprensa e reuniões públicas passam a focalizar amplamente aquelas contradições.

A opinião nacional e internacional é alertada.

Dai por diante, o problema passa a existir.

— A segunda fase visa à criação de um clima revolucionário.

Isso é obtido através de greves, atos de sabotagem, manifestações de rua.

Durante esse período se organiza uma rede de informações e o núcleo da administração pública é pressionado ativamente.

No fim dessa fase produzem-se alguns atentados, buscando efeitos espetaculares. Uma imprensa sensacionalesca lhes proporciona eco.

Desde então o período pré-revolucionário está concluído.

— A terceira fase que se pode então iniciar é definida pelo início da construção de uma sociedade revolucionária ou passagem à ação.

As funções militares e administrativas começam a diferenciar-se. No plano militar aparecem as guerrilhas.

A organização político-administrativa se instala sob uma forma mais ou menos clandestina, de acordo com o grau de controle exercido pelas forças de ordem.

A parte útil da população é conduzida a passar de uma cumplicidade passiva a uma cumplicidade ativa.

Para isso é necessário e suficiente que seja levada, por pressão, a comprometer-se e a admitir-se irremediavelmente comprometida, face às forças da ordem legal.

Essas pressões adquirem muitas vezes a forma de terror, recurso capital da ação subversiva.

A quarta fase compreende a criação das forças semi-regulares ou de rebelião.

Não são mais homens que se batem próximo da sua cidade, mas que se especializam na guerra subversiva e cujo raio de ação aumenta. Os elementos civis também se especializam. Aparecem o coletor de fundos, o juiz, o agente de segurança. Essa fase engloba a constituição de "bases", zonas onde a rebelião está em segurança e sobre as quais se apoia a manobra logística.

No decorrer da quinta fase, o exército revolucionário faz sua aparição. É a fase das operações clássicas.

Esse exército surge em três estágios. Essa última palavra é empregada com a acepção que possui quando se quer indicar, por exemplo as diferentes formas evolutivas de um inseto. De início, existem as tropas locais, guerrilheiros e armamento sumário, que operam em torno de suas cidades, seja para assegurar sua defesa, seja para armar emboscadas contra as forças locais.

Acima dessa tropa estão as unidades regionais, adequadamente armadas, possuem uma organização que as aproximam das forças regulares, sustentam-nas, protegem-nas, e, se necessário, se sacrificam para salvá-las. São também consideradas como reservas de efetivos instruídos.

No vértice da pirâmide situam-se, enfim, as forças regulares. Estas são objeto de todos os cuidados dos chefes de instrução, são atribuídas ao poder central e constituem elemento de propaganda e de emprego final da força. São lançadas a fundo no momento da contra-ofensiva geral, objetivo e remate dessa quinta fase, quando a hierarquia legal estiver de fato sem substância, quando o moral adversário se tornar tão oprimido que não possa opor uma resistência coordenada à marcha da revolução.

É a ofensiva das forças comunistas na China em 1949, embora a guerra tivesse realmente começado desde 1930. A "longa marcha" que tornou célebre Mao-Tse-Tung é a de 1934-1935.

Para que o exército regular seja formado é necessário que os Chefes da subversão controlem completamente um território importante. Eles o procuram em geral, em uma região difícil apoiada na fronteira de um país amigo.

O Vietnan escolheu essa região na alta fronteira com a China, os insurretos gregos do General Markos instalaram-se na fronteira grego-iugoslava e o FLN, junto à Tunísia."

É natural que as condições locais distorçam esse quadro e até o desfigurem, suprimindo fases ou subdividindo-as indefinidamente. É um exemplo apenas.

É uma alerta.

É um caso a meditar.

Rebatendo toda essa conceituação expandida até aqui, sobre o nosso Brasil, tentarei como quem toma o pulso de doente, marcar a nossa posição face a esta guerra, estabelecer um diagnóstico e propor uma terapêutica conseqüente.

É o que faremos, em mais um capítulo de nossas andanças por terreno tão atípico se bem que caracteristicamente convulsionado.

TENTANDO O DIAGNÓSTICO E A TERAPÊUTICA

Os sistemas de idéias não se impõem por sua lógica e excelência. Valem pelo seu conteúdo histórico. A aceitação desse postulado há de nos propiciar a compreensão do avanço da ideologia russa — o Comunismo — instrumento da política soviética para o domínio do mundo.

A conjuntura atual do mundo por si só, é uma circunstancial de segunda importância, face ao destacado valor do amadurecimento do fenômeno social. Os campos férteis das contradições internas podem exacerbar a crise, mas não a criam, nem a conduzem. Se estiverem certas, essas conclusões oferecerão a chave para o combate à guerra revolucionária: acompanhar a história.

A prevalência do social sobre o individual é uma realidade fora do Comunismo. É do século.

O regime democrático, para equacionamento desses dois valores, tem que se aperceber da necessidade de renovação dos seus institutos básicos, criando, também, uma prevalência do social sobre o individual. Cabe à nossa inteligência estabelecer etapas para essa renovação, e inteligência como atributo social, quer dizer: educação.

Verdade é que o Brasil é, por vocação, democrático, sem preconceitos de raça ou religião, sem qualquer predisposição para a violência ou tirania, vivendo no mais puro sentimento de fraternidade cristã e respeito à pessoa humana. Adornando toda essa infra-estrutura natural democrática fomos agraciados por uma legislação trabalhista avançada, justificando, portanto, todo esse conjunto, a afirmação corrente de que o Brasil é uma das democracias sociais mais avançadas do mundo.

Nosso otimismo sincero e que reputamos justo, não impede de percebermos que o fenômeno do crescimento populacional e de produção do Brasil, não vem sendo tutelado por leis que disciplinem esse complexo sócio-econômico, em plena efervescência. Salta, aos olhos de todos, o descompasso entre a realidade brasileira e sua estrutura de leis, inspirando a frase chavão: "reforma de base". O apêlo reformista se repercute nos setores: econômico, financeiro, social e político, buscando dar ao Brasil a unidade sócio-econômico de que carece e que, presentemente, se acha bipartida pela diferenciação gritante entre o Norte e o Sul do país e desfigurada pela existência de um pauperismo desalentador, cujas origens poderão ser atribuídas à carência de educação, uma vez que não temos o problema do desemprego.

Esta carência de educação desarma o homem do povo e o deixa incapacitado de agir como peça de máquina da nação, porque não lhe ensinaram a fazer nada e o *élan* vital na acepção bergsoniana, ainda indiferenciado, como sói acontecer com as consciências primárias, não o lança à direção alguma, não o convoca para nenhum setor de trabalho, ao contrário do que sucederia se uma vocação inata o perseguisse para trilhar o caminho do aprendizado difícil, todavia eficaz, do autodidatismo.

As elites cabe mobilizar essas possibilidades, através de uma educação dirigida, para que as massas se tornem fautores do seu próprio bem-estar, sem idéias de benemerência ou de falsa bondade, mas com compreensão estrita de sua posição e dever social.

Na sociedade, os que crescem adquirem o privilégio e ao mesmo tempo a obrigação de orientar o povo, de ser a sombra e o fruto dos que caminham mais à retaguarda. É um imperativo de justiça e, mais ainda, de necessidade social, uma vez que vendo em perspectiva o trabalho coletivo como o trabalho do organismo humano, vê-se repetir o velho apólogo de Menénio Agrippa, ou seja, da dependência mútua de todas as funções sociais de cujo concêrto de forças surge o que no organismo se chama: SAÚDE, e na coletividade: BEM-ESTAR e PROGRESSO.

O pior é que o povo tomou conhecimento do fenômeno histórico, por intuição e reclama a prevalência do social sobre o individual com impaciência e sinais de indisciplina.

Os líderes ficam de alguma sorte ultrapassados e não sei se terão a habilidade de acertar o seu passo com o momento histórico sem se degradarem na demagogia.

A fase pré-insurrecional, que definimos, está presente e já há lugar para as soluções secundárias, na esteira daquele instituto básico e fundamental, disciplinando reformas imperativas.

Seriam elas: a técnica de guerra psicológica e o combate às contradições internas, como vigas-mestras, no setor operativo.

A solução da força é o remédio derradeiro para quem não soube prevenir.

A propaganda e a campanha de esclarecimento são fatores de mérito que a democracia deve empregar ao máximo. As suas virtudes devem ser ressaltadas.

Urge levantar uma bandeira para se contrapor à campanha solerte que o comunismo, arrastado pela onda histórica social, faz sobre o espírito das massas. É preciso ainda acreditar que o fenômeno social tem vida própria. Ninguém inventou. Não tem dono.

O descompasso entre a exigência do progresso social e a realidade social, chama-se "subdesenvolvimento". Apesar de não ter conteúdo certo, é o caldo predileto para a agitação. A difusão leva a todos os recantos do mundo as conquistas dos povos. As aspirações dos indivíduos e grupos se orientam pelos melhores padrões que passam a ser modelo, metas a atingir.

A conjuntura social atual propicia o lançamento do povo brasileiro rumo a esses modelos que concretizam melhores níveis de vida.

O Nordeste — a chamada área-problema — vive padrões distanciados grandemente dos modelos preconizados e inclusive dos próprios padrões vigentes no sul do país.

É um clima propício à fermentação revolucionária. Como a bandeira do comunismo não oferece a esperada sedução à massa, são lançadas as "idéias intermediárias": nacionalismo, reforma agrária, luta contra o imperialismo americano, solidariedade a Cuba, etc.

A luta já começou. Estados pontilhando os itens da 1ª e 2ª fases insurrecionais já citadas.

Temos: a propaganda franca, a arregimentação através das Ligas Camponesas, do Pacto da Unidade Sindical, do Conselho Sindical dos Trabalhadores, do Centro de Cultura Popular e da Aliança Operária-Estudantil-Camponesa, etc. Não quer dizer que essas organizações sejam necessariamente esquerdistas. Mas, elas envolvem as classes — objetivos dos esquerdistas: operários, camponeses e estudantes. A desmoralização do governo — meta insurrecional — é trabalhada através da propalação da impunidade para os agentes de corrupção: de que campeia o negociismo e o comércio da influência. Firma-se o descrédito das classes dirigentes e cria-se o clima de indiferença da maioria do povo, pela sorte do regime.

Para as Forças Armadas criaram o "slogan" de que "Exército não combate Exército" e admitem que a possível divergência de idéias dentro dos grupos armados, os imobilizarão.

As grandes coordenadas estratégicas estão tentadas. Falta um aumento de intensidade que crie o clima para o arrebetamento. E, ainda, líderes à altura da empresa.

Do nosso lado, o problema de liderança também não parece estar bem equacionado. Pelo menos, os líderes são acusados de irrealismo — a mais grave acusação que se lhes possa imputar.

É necessário movimentar a mesma estratégia: propaganda, arregimentação e, de nosso lado, mais o equacionamento econômico. Para o Nordeste temos dois órgãos que estão à altura da tarefa: SUDENE e DNOCS. São, a essa altura, órgãos de Segurança Nacional e deveriam ser supervisionados pelo CSN, ao invés de vinculados a Ministérios, muito sensíveis às flutuações políticas.

A democracia — já dizia Croiset, estudando a democracia grega — tem o vício de sobrepor o interesse dos partidos ao interesse da Pátria.

Se é esse o seu vício, apesar de suas excelentes virtudes, cabe obstar a ação partidária em setores substanciais da Segurança Nacional.

Conclusões :

Diagnóstico — Início da 2ª fase da guerra revolucionária.

Terapêutica — Adaptação dos institutos legais ao momento histórico.

Campanha de esclarecimento e educação.

Campanha contra o subdesenvolvimento.

ASSALTO AO PARLAMENTO

Como um largo parêntesis neste corpo de estudo da guerra revolucionária, peço que me permitam apresentar um sucedâneo desta guerra para o objetivo comum de tomada do poder — o assalto ao parlamento.

A estratégia soviética, no seu afã incansável de domínio do mundo, admite uma inversão no processo de tomada do poder, que é na guerra revolucionária de baixo para cima, através do domínio do povo, por uma ação de cúpula, de cima para baixo pelo domínio do parlamento.

Quando as platéias, como a nossa, não têm nenhuma predisposição para o comunismo, o jeito é fazer da ambição não amadurecida de políticos improvisados, o degrau para ascensão ao poder.

Foi o processo usado na conquista da Tcheco-Eslováquia e teve lá um resultado fulminante. Pelos passos lá ensaiados, cada um poderá verificar no desenho de nossa política, os traços parecidos.

A Tcheco-Eslováquia tinha, em 1948, um parlamento não comunista. Aproximou-se a eleição e todos os prognósticos dos observadores políticos dentro e fora do país eram por uma diminuição substancial de votos a favor dos comunistas que, em 1946, haviam obtido 38% do eleitorado apenas e, ainda, com uma circunstância favorável de estar o país sob a ocupação militar russa de após-guerra. No governo de coalizão, então existente, só o Ministro do Interior era Comunista. Contudo, durante o biênio 1946/48, foram largamente exercitadas a tenaz da pressão de cúpula e pressão de base.

Principais ações da cúpula, segundo o testemunho de Jan Kosak, deputado comunista tcheco :

— Exclusão de elementos democráticos na gestão dos diversos órgãos políticos.

— Reforma agrária, sob pressão de base.

— Utilização dos órgãos detentores do poder para criar popularidade para as exigências e "slogan" dos revolucionários.

— Isolar a direção burguesa, pela denúncia de sua política, anti-popular (qualquer ato não emanado da decisão comunista).

— Aprovação dos programas apresentados pelo Partido Comunista.

— Apresentação de exigências.

— Pressão de base.

— Apoio aos revolucionários no poder, limitando a influência dos indecisos e dos inimigos.

— Despertar a autoconfiança no povo pela vitória das exigências apresentadas.

— Movimento sindical.

— Envio de delegação ao Parlamento para pressionar.

— Greves gerais.

— Armar a classe trabalhista.

É um esquema vívido pelo qual perpassamos muito ligeiramente, como notícia apenas. Mas, oferece material para a meditação sobre um assunto da real atualidade.

CONCLUSÕES FINAIS

1. A necessidade do mundo comunista de conciliar uma estratégia de paz com uma política agressiva, criou as guerras de exportação, guerras por procuração tão bem configuradas na guerra revolucionária.

2. O objetivo estratégico é o domínio do povo.

3. A tática se reveste da violência e crueldade, próprias das guerras religiosas.

4. A necessidade do domínio do povo dá realce marcante à guerra psicológica.

5. Assim sendo, as idéias — dogmas ou idéias-cartazes — são bandeiras ideológicas para a conquista do povo. Sua excelência e adequabilidade são indiscutíveis.

6. A amoralidade é uma técnica de ação. O único preconceito tolerável, é vencer a qualquer custo.

7. Para o Brasil, esta guerra psicológica é representada, particularmente, pela propaganda estribada em idéias estereótipos, pré-fabricadas.

8. A ação dos elementos responsáveis pela conduta democrática do povo brasileiro, particularmente, a Igreja Católica desencorajou de muito e rebateu de muito o ímpeto da guerra revolucionária. Assim sendo, sem abandoná-la, parece que se está cogitando de um métodos mais adequado à realidade brasileira e por todos conhecido como "Assalto ao Parlamento".

9. Nada indica que a onda social amadurecida tenha no comunismo uma representação coerente. O fenômeno social hodierno pode ser instrumentado em normas democráticas, com maior espontaneidade social (adequação da idéia ao tempo e povo), portanto sem atrito entre o novo e o velho, de que em normas radicais formuladas aprioristicamente em laboratórios de pesquisa social. As conclusões marxistas-leninistas têm um vício comum com a análise algébrica: a interpretação é lógica, mas o conteúdo por vezes se distancia da realidade aceitável. Parece que o fato social foi considerado rigidamente como se relesse história afora, sob impulso de uma energia incontrolável. Os institutos de Lei são uma forma de esvaziamento das forças imanentes no interior do fenômeno e, portanto, uma prevenção contra o eclodir das mesmas. Em suma, são uma ação humana de líderes afinados com a história corrigindo e esbatendo a onda social em curso.

A educação do povo é outro fator de correção. O fenômeno se desfigura quando vibra em novo ambiente social.

Lei e Educação, como fatos, são também história, isto é, são forças lançadas no mesmo torvelinho complexo e inextrincável, determinando novas resultantes.

10. A primeira medida de profundidade para fazer face à crise na atual mudança de valores, é um instrumento legal que interpreta os novos valores e lhes dê uma tradição coerente com o apelo espontâneo social (adequação), fugindo de modelos de importação pré-fabricadas.

O combate ao subdesenvolvimento e a educação trarão o povo ao encontro da lei e propiciarão de um lado uma resposta às suas necessidades urgentes e do outro um entendimento do *quantum* pode exigir do organismo social.

11. O emprêgo da força, quando obrigado pelas circunstâncias, vai significar apenas uma temporização para que se dê tempo ao processamento das medidas de base preconizadas acima.